

Consequências do contato entre o vêneto e o português em Santa Maria do Engano, Alfredo Chaves/ES: o ditongo nasal tônico <ão>

Edenize Ponzo Peres*

Silvia Angela Picoli Meneghel**

Resumo: O objetivo deste estudo é descrever uma parte das consequências do contato entre o vêneto e o português, sob a forma da variação da pronúncia do ditongo tônico nasal <ão> na fala dos descendentes de imigrantes italianos da comunidade de Santa Maria do Engano, em Alfredo Chaves/ES. Para isso, tomamos por referencial teórico a Sociolinguística, especificamente a Teoria da Variação e Mudança Linguística, a fim de analisar 1956 dados obtidos por meio de 40 entrevistas com moradores de Santa Maria do Engano. O Programa Goldvarb X selecionou como significativas as variáveis sociais *idade, escolaridade e sexo*, além das variáveis linguísticas *extensão do vocábulo e contextos precedente e seguinte ao ditongo*. Nossos resultados, considerando a pronúncia do ditongo tônico nasal <ão> com influência do vêneto, apontaram como variáveis favorecedoras: a) vocábulos com mais de uma sílaba; b) consoante posterior, em relação ao contexto precedente; c) a pausa, em relação ao contexto seguinte; e d) os informantes idosos, do sexo masculino e com baixo nível de escolaridade.

Palavras-chave: Sociolinguística. Contato vêneto-português. Ditongo tônico nasal <ão>.

Abstract: This study seeks to describe a part of the consequences of the contact between the Venetian and Portuguese, in the form of the variation in the pronunciation of the nasal stressed diphthong <ão> into the speech of the descendants of Italian immigrants from the community of Santa Maria do Engano in Alfredo Chaves/ES. For this purpose, we take as theoretical framework in this research the Sociolinguistics, specifically the Theory of Linguistic Variation and Change. Our corpus consisted of 40 sociolinguistic interviews with residents of Santa Maria do Engano, from which we obtained 1956 data. The Goldvarb X Program selected as significant the social variables age, education level and sex, and as linguistic variables, the extension of the term and the preceding and following contexts of the diphthong. Our results, considering the pronunciation of the nasal stressed diphthong <ão> with the Venetian influence, pointed as favoring factors: a) words with more than one syllable; b) subsequent consonant on the previous preceding context; c) the pause, for the following context; and d) the elderly informants, male and with low educational level.

Keywords: Sociolinguistics. Contact Venetian-Portuguese. Nasal stressed diphthong <ão>.

* Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Ufes, Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: eponzoperes@gmail.com.

** Secretaria Estadual da Educação do Espírito Santo, Alfredo Chaves, Espírito Santo, Brasil. E-mail: silviapicolimeneghel@hotmail.com.

Introdução

Segundo dados do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (2017)², durante o século XIX e início do século XX, o estado do Espírito Santo recebeu 52.719 imigrantes vindos da Europa, o que correspondia a 97,34% do total. Dentre os europeus, os italianos eram maioria, com 36.666 pessoas (69,55%), provenientes sobretudo do Vêneto. Eles vieram substituir a mão de obra escrava e também ocupar os imensos vazios demográficos da então província.

A ocupação das terras capixabas por parte dos imigrantes italianos ocorreu, de modo geral, sob a forma de assentamentos, abrindo-se caminho por meio de picadas no meio da densa mata. A forma de colonização dessas terras acarretou aos estrangeiros, de início, uma grande dificuldade de estabelecer contato com indivíduos de outras etnias e, por conseguinte, promoveu o uso praticamente unânime das línguas italianas de imigração até o final de 1960 (DERENZI, 1974). Entretanto, as crescentes relações entre os descendentes de imigrantes e os brasileiros fizeram com que essas línguas fossem substituídas. Na atualidade, seus falantes são principalmente idosos e residentes nas zonas rurais (PERES, 2014).

Diante do exposto, neste trabalho, propusemo-nos a descrever parte das consequências do contato linguístico que ocorreu numa pequena comunidade rural do Espírito Santo, cujos moradores, em sua ampla maioria, são descendentes de imigrantes italianos originários da região vêneta. Especificamente, analisamos a realização do ditongo nasal tônico <ão>, um fenômeno que caracteriza fortemente o português de contato com o vêneta. Conforme atestam Frosi e Mioranza (1983), nas variedades vênetas não ocorre esse ditongo, ao passo que ele faz parte do sistema fonológico do português, estando presente em inúmeras palavras. Essa diferença é a razão da dificuldade da pronúncia do ditongo nasal <ão> pelos imigrantes e seus primeiros descendentes.

Dessa forma, objetivamos detectar os contextos linguísticos e sociais que condicionam a variação da pronúncia do ditongo nasal tônico <ão> e verificar se a influência do vêneta permanece ou se está desaparecendo na linguagem das gerações mais novas. Passemos à apresentação da pesquisa.

² Disponível em: <http://imigrantes.es.gov.br/html/estatisticas.html>. Acesso em: 09 jan. 2017.

O fenômeno analisado

Para falarmos no ditongo nasal do português é preciso, antes, abordar o ditongo oral e também as vogais nasais. Segundo Moraes e Wetzels (1992) e Medeiros e Demolin (2006), entre outros, esses são assuntos dos mais controversos e que têm recebido diferentes análises e interpretações³.

O ditongo oral é constituído por uma vogal mais uma vogal assilábica – ou semivogal ou glide – na mesma sílaba. Se o seu primeiro elemento for mais acentuado que o segundo, o ditongo será dito decrescente; se acontecer o contrário, o ditongo será crescente (CRYSTAL, 2000). Câmara Jr. (1992) e Callou e Leite (2009) consideram os ditongos decrescentes como os verdadeiros ditongos, já que os crescentes variam livremente com o hiato.

Com respeito às vogais nasais do português, de acordo com Medeiros (2007), as análises têm seguido a concepção estruturalista de Câmara Jr. (1992), o qual afirma que a nasalidade pura da vogal do português não existe. Para ele, a nasalidade é entendida como uma vogal mais elemento nasal - arquifonema nasal - na mesma sílaba, como nos vocábulos /kaNpo/, /seNda/, /leNda/. Essa proposta é aceita por vários autores, como apontam Moraes e Wetzels (1992), mas há outras hipóteses. Duas delas são: (i) uma vogal nasal propriamente dita e (ii) uma vogal oral seguida de consoante nasal.

Ainda em relação às vogais nasais, é importante ressaltar a diferença existente entre elas e as vogais nasalizadas, que está na obrigatoriedade da nasalização. Assim, a diferença entre as palavras *cano* – nasal – e *caneta* – nasalizada – reside apenas no fato de que, na segunda, a nasalização não é obrigatória (MEDEIROS, 2011).

O exposto nos parágrafos anteriores comprova a complexidade do fenômeno da nasalização vocálica em português. De acordo com Medeiros (2007), tanto do ponto de vista da fonética, como da fonologia, muitas questões permanecem sem solução. Assim, passemos agora para o ditongo nasal no latim, no português e no vêneto.

³ Por limitação de espaço, não poderemos nos deter na discussão acerca dos ditongos orais e nasais, nem na nasalização das vogais do português. Para um maior aprofundamento sobre os ditongos, consultem-se, por exemplo, Collischonn (2001), Callou; Leite (2009), Toledo; Monaretto (2010) etc. Com respeito às vogais e aos ditongos nasais, cf. Camara Jr. (1992); Wetzels (2000), Almeida; Araújo (2009), Meireles et al. (2015) etc.

Conforme Pereira (1935), no latim vulgar havia apenas três ditongos - <ae>, <oe> e <au>⁴ - e, no primeiro século da era cristã, esses ditongos haviam sido reduzidos: <ae> passou a <é>; <oe> passou a <ê>; e <au> passou a <ou> e, em alguns casos, ficou reduzido a <o>, como em *pauperum* > *pobre*, ou ainda a <a>: *augustum* > *agosto*. Já o português, “contrariamente ao gênio da língua-mãe, [...] multiplicou o número dos seus ditongos no decurso de sua evolução” (PEREIRA, 1935, p.72). Segundo Coutinho (1976, p. 108), “as palavras terminadas em latim em -anu, -ane, -one, passaram ao português respectivamente com a terminação -ão, -ã, ou -am e -om, conforme o atesta a língua arcaica”.

Para Silva (2001), a origem dos ditongos nasais está na queda de -n- intervocálico, como podemos verificar nas formas: *mão*, *mãos* [ãũ]⁵ (lat. *manu-*, *manos*), *corações* [õĩ], (lat. *corationes*), *cães* [ãĩ] (lat. *canes*). A autora afirma que essa ditongação, historicamente, é precedida pelo hiato, que se desfaz pela semivocalização da vogal que será a margem do ditongo. Pode-se assim dizer que, já no português arcaico, havia os ditongos nasais [ãũ], [õĩ] e [ãĩ]. Acresce também que, nesse período, começa a processar-se a ditongação das vogais nasais /õ/ e /ã/, em posição final de nomes e verbos. Essa ditongação leva à convergência na direção do ditongo [ãũ]. Nesse contexto, Silva (2001, p.75) confirma que “o ditongo [ãũ], entre as línguas românicas, é típico do português”. Ainda segundo a autora, no século XVI, a realização da variante [ãũ] era tida como de prestígio, enquanto a realização [õũ] é até hoje marcada como popular, arcaizante e regional.

O vêneto, por sua vez, é uma das numerosas línguas existentes na Península Itálica, no tempo dos romanos, ao lado do latim e do osco-umbro. Segundo Faria (1957, p. 25), “sua semelhança, ainda que imprecisamente estabelecida com outros dialetos itálicos mais conhecidos, faz ver no vêneto uma língua itálica (...)”. No tocante ao sistema fonológico do itálico, especialmente quanto às semivogais, este “conservou em geral os ditongos do indo-europeu cujo segundo elemento era *i* ou *u*: *ai*, *au*, *ei*, *oi*, *ou*” (FARIA, 1957, p. 168).

Entretanto, a expansão do Império Romano acarretou intensa atividade de contato e interação linguística e, no séc. III a. C., o latim tornou-se a língua oficial de

⁴ Coutinho (1976) inclui mais um - <eu> -, o qual era raro.

⁵ Neste artigo, com exceção do trabalho de Frosi e Mioranza (1983), utilizaremos as notações fonéticas usadas pelos autores citados (cf. Nota 5).

toda a Península Itálica (FARIA, 1957; SILVA NETO, 1957). Dessa forma, o latim impõe-se também na região do Vêneto e, apesar de ter essa língua como substrato, a estrutura fonético-fonológica latina prevalece.

Do ponto de vista diacrônico, o ditongo latino *au* apresenta, na sua passagem para o vênето, duas realizações diferentes: quando em posição tônica, sofre geralmente um processo de monotongação (*au* > *o*); quando em posição átona, monotonga-se ou conserva a forma latina. Isso explica a diminuta ocorrência desse ditongo nos dialetos italianos (FROSI; MIORANZA, 1983).

Segundo Frosi e Mioranza (1983), a evolução que se processou do latim vulgar para o sistema vênето e para o português deu-se de formas distintas: de *one* para *õ(n)*, no vênето; e de *one* para *ão*, na língua portuguesa. Desse modo, pode-se dizer que a interferência fônica do vênето no português parece ter origem no fato de que o ditongo <ão>, existente no sistema de sons da língua portuguesa, inexistente no sistema vênето. Diante dessas diferenças, um falante de vênето, ao aprender o português, fará a transferência de traços de sua língua para a língua alvo, como acontece com o ditongo nasal <ão>. Essa característica é marcante na comunidade de Santa Maria do Engano, bem como em outras do Sul do Brasil, também colonizadas por imigrantes italianos, como veremos na próxima seção.

O ditongo nasal <ão> nos estudos dialetais e sociolinguísticos

Começamos esta seção pelo trabalho de Frosi e Mioranza (1983), na região nordeste do Rio Grande do Sul, fortemente colonizada por imigrantes italianos. Os autores, fazendo um estudo dialetológico com netos de imigrantes falantes de um dos dialetos italianos de imigração e o português, em 51 localidades dessa região, observaram, entre outros fenômenos, o ditongo nasal, obtendo os seguintes resultados⁶: nenhuma ocorrência da pronúncia do ditongo como [ẽw]⁷, 77 (65,25%) de [õ], 29 (24,58%) de [õ]⁸, 08 (10,39%) de [õ̃] e 01 (0,85%) ocorrência de cada uma destas variantes: [õw], [õ:n], [u], [one]. A variação encontrada por Frosi e Mioranza (1983)

⁶Frosi e Mioranza (1983) utilizam o Alfabeto Fonético adotado pelos filólogos portugueses e brasileiros no I Congresso Brasileiro de Dialectologia, realizado em Porto Alegre, em setembro de 1958 (cf. FROSI; MIORANZA, 1983, p. 8-12). Por ser ele de difícil transcrição, neste trabalho preferimos adotar os símbolos fonéticos do IPA para mostrar esses resultados.

⁷Não há consenso, entre os autores citados, quanto à representação fonética do ditongo nasal. Neste trabalho, seguimos a notação de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015).

⁸Esse fone é produzido numa altura intermediária entre o [õ] e [ø].

para o ditongo nasal é maior que a observada em Santa Maria do Engano, mas os resultados para o Nordeste do Rio Grande do Sul se justificam pelo fato de que os informantes desse estudo são falantes de diferentes dialetos da Itália setentrional e residem em diferentes localidades. Daí a maior gama de variantes encontradas.

O segundo estudo de interesse para o nosso trabalho é o de Margotti (2004). O autor analisou a difusão do português em contato com variedades italianas, abrangendo oito municípios do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Com relação ao ditongo nasal, as variantes encontradas foram: [ãũ] (70% do total de dados); [õũ] (16% do total); e [õ] (14% do total). De acordo com o autor, os grupos de fatores considerados significativos pelo Programa Varbrul foram, em ordem decrescente de favorecimento da variante [ãũ]: zona de residência, idade, contexto precedente, pontos de pesquisa, estilo de fala, etnia, tamanho do vocábulo e classe morfológica. As conclusões gerais a que o autor chegou foram: a) quanto maior o tempo de início da colonização das regiões, mais a população tende a substituir os traços italianos pelos portugueses; e b) há uma discriminação recíproca entre os luso-brasileiros e os ítalo-brasileiros, mas, com relação a estes, o preconceito é suavizado.

O terceiro estudo é o de Tomiello (2005), que trata da alternância do ditongo nasal tônico - *ão* ~ *on* – no português falado por bilíngues português-italiano de uma comunidade rural do município de São Marcos – RS. Os resultados encontrados pela autora indicam que as variáveis favorecedoras da pronúncia com influência da língua de imigração são: a extensão da palavra (as monossílabas, com Peso Relativo⁹ (PR) = .60) e o contexto fonológico precedente (as consoantes posteriores, com PR = .61; e consoantes nasais, com PR = .57). Quanto às variáveis sociais, as favorecedoras da pronúncia *on* são: a faixa etária (acima de 50 anos, com PR = .76), sexo (masculino, com PR = .58) e escolaridade (até quatro anos, com PR = .70).

O quarto trabalho é o de Horbach (2013), que tem como tema a variação do ditongo <ão> em final de vocábulo por falantes bilíngues português-alemão e português-italiano, respectivamente das comunidades de Panambi e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul. Dentre as variáveis analisadas, as que favorecem a pronúncia de <ão> com traços das línguas de imigração foram: as palavras com duas ou mais sílabas

⁹ O Peso Relativo é o valor que indica se uma variável linguística ou extralinguística está (des)favorecendo a ocorrência do fenômeno sob análise. Mais adiante falaremos sobre ele.

(PR = .55), pronunciadas por sujeitos acima de 50 anos (PR = .58), do sexo masculino (PR = .56) e que estudaram até quatro anos (PR = .57).

As duas pesquisas acima apontam para a importância das variáveis sociais, quanto ao fenômeno analisado: os homens, acima de 50 anos e com poucos anos de estudo apresentam mais influência das línguas de imigração, em sua fala. Quanto às variáveis linguísticas, apenas a extensão do vocabulário foi relevante, nos dois estudos.

O referencial teórico

No presente trabalho, adotamos os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística, especificamente da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972), a qual afirma que a variação e a mudança são inerentes às línguas naturais e que a variação é passível de sistematização, sendo condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos, como o sexo/gênero, a idade, a classe social, a escolaridade etc. dos sujeitos da pesquisa e a localização da comunidade, entre outros. Na seção dos Resultados, voltaremos a falar sobre essas variáveis. A seguir, vemos os pressupostos metodológicos seguidos neste estudo.

Procedimentos metodológicos

A localidade pesquisada¹⁰

Santa Maria de Engano é uma das 50 comunidades de Alfredo Chaves, e nela vivem aproximadamente 300 habitantes, em pequenas propriedades rurais. A região se situa a 530 metros de altitude, com um relevo bastante montanhoso e com um clima agradável durante todo o ano. Essa localidade dista 20 km da Sede do município e cerca de 80 km de Vitória, a capital do estado.

Trata-se de uma comunidade cuja população é composta majoritariamente por ítalo-descendentes, os quais trabalham principalmente no cultivo do café e da banana – que são comercializados na própria região – e na criação de gado leiteiro. O leite

¹⁰ A comunidade de Santa Maria do Engano foi selecionada por ser o local onde uma das autoras deste artigo nasceu e viveu até seus 28 anos. Também é o lugar onde sua família continua residindo, o que faz com que ela visite constantemente a comunidade e que conheça intimamente todos os seus moradores e sua rotina diária. As informações contidas neste subitem são dadas com base nesse conhecimento.

produzido pode ter três destinos: a Cooperativa de Laticínios de Alfredo Chaves, a fabricação de queijo para consumo familiar ou, em alguns casos, o comércio.

A igreja católica é hoje a única instituição da comunidade, já que a escola foi desativada. É a igreja o ponto de encontro de todos nos domingos, quando, após a celebração religiosa, realizam os jogos de mora e de bocha. São também as festas religiosas as maiores opções de lazer dos moradores, nas quais as pessoas das redondezas se encontram e muitos jovens iniciam os namoros.

A educação básica é provida por escolas dos distritos vizinhos e, quanto ao ensino superior, na maioria dos casos, os jovens não se mudam para estudar: fazem seus cursos em cidades próximas, utilizando o transporte oferecido pela Prefeitura ou mesmo participando de cursos a distância. Deve-se dizer ainda que pouquíssimas famílias contam com telefonia, e a internet está presente em apenas cinco residências. Todas as famílias contam com TV em casa, mas ela é pouco assistida, devido aos trabalhos na lavoura e o lazer em família e na igreja, nos fins de semana.

Por fim, ressaltamos que a maioria dos que visitam a comunidade tem algum vínculo com os moradores. Assim, os contatos com pessoas de fora são bastante restritos, o que atesta o isolamento de Santa Maria do Engano.

Os informantes

Neste trabalho, foram selecionados 40 sujeitos – 20 mulheres e 20 homens –, todos descendentes de imigrantes italianos, nascidos e residentes na localidade ou que aí passaram 2/3 de sua vida. Em princípio, a composição de nosso banco de dados de fala deveria dar-se com um número regular de informantes, distribuídos em quatro faixas etárias (de 08 a 14, de 15 a 30, de 31 a 50 e acima de 50 anos), dois sexos/gêneros e três níveis de escolaridade (de 0 a 04, de 05 a 08 e acima de 08 anos de escolarização), com dois sujeitos em cada célula. No entanto, não foi possível encontrar todos os informantes com a escolaridade necessária, devido às características da comunidade.

Dessa forma, objetivando-se uma composição mais uniforme do corpus, tivemos que trabalhar com apenas dois níveis de escolaridade: 17 informantes têm de 0 a 05 (EF I) e 23 têm acima de 05 anos (EF II). Vale dizer que, apesar de alguns informantes terem o vêneto como primeira língua, no presente momento todos se dizem monolíngues.

As variáveis

A variável dependente considerada para este estudo é a realização do ditongo nasal tônico <ão>, e nossas variantes são: a pronúncia desse ditongo com influência do vêneto, isto é, como [õ] ou [õw]; e a pronúncia padrão do português, como [ẽw].

Com relação às variáveis independentes, estabelecemos quatro linguísticas - classe de palavras (nomes, verbos e palavras funcionais), extensão do vocábulo (uma e mais de uma sílaba), contextos fonológicos precedente (ataque vazio e consoantes nasal, anterior e posterior) e seguinte (pausa, vogal e consoantes nasal, anterior e posterior) - e três extralinguísticas - faixa etária, sexo/gênero e nível de escolaridade.

A coleta e o tratamento dos dados

Para alcançarmos os propósitos deste estudo, realizamos uma pesquisa de campo, com a formação de um banco de dados de fala por meio de entrevistas sociolinguísticas. Como dissemos anteriormente, o estreito vínculo de uma das autoras deste trabalho com a comunidade possibilitou não só uma comunicação natural, conseguindo minimizar o Paradoxo do Observador (LABOV, 1972), como também proporcionou maior rapidez na seleção e no contato com os informantes. As conversas giraram em torno dos sentimentos dos informantes acerca de sua origem, dos hábitos e tradições da família atual e dos ascendentes, da história da comunidade e das lembranças do passado no Brasil e na Itália, conforme um Roteiro de Perguntas preparado para que se pudesse traçar a história da colonização e dos contatos linguísticos que ocorreram nessa localidade.

As entrevistas foram gravadas em gravador digital e tiveram a duração de 30 minutos, com algumas crianças, até mais de uma hora, com os mais idosos. Ao término de cada uma, o *Termo de Consentimento Livre e Informado - TCLI* - foi assinado pelo entrevistado ou por seu responsável, permitindo-nos fazer uso das informações levantadas. Por último, as entrevistas foram transcritas e os dados foram codificados e quantificados, utilizando-se o programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), o qual indica, por meio do peso relativo (PR), os fatores que (des)favorecem a ocorrência de uma determinada variante: quanto mais

próximo de 1.0 for o peso relativo, mais o fator irá favorecer a ocorrência da variante; ao contrário, quanto mais próximo de 0.0 for o peso relativo, mais o fator irá desfavorecê-la; e quando o peso relativo for 0.5 ou próximo dele, o fator não irá favorecer nem desfavorecer a ocorrência dessa variante (cf. GUY; ZILLES, 2007; SCHERRE; NARO, 2003). Igualmente importante é analisar-se o *range*, que é a diferença entre o maior e o menor valor dos pesos relativos de uma variável, a fim de avaliarmos sua importância para o fenômeno sob estudo. De posse dos resultados quantitativos, pôde-se passar para a sua análise qualitativa. Na próxima seção, encontram-se os nossos resultados.

Resultados

A partir das entrevistas realizadas, obtivemos um total de 1956 ocorrências do ditongo nasal tônico <ãõ> falado pelos 40 informantes. Desse total, 562 (28,7%) foram realizados como [õ] ou [õw], ou seja, apresentaram influência do vêneto, e 1394 (71,3%) não apresentaram influência.

O Programa Goldvarb X selecionou como relevantes todas as variáveis independentes - exceto a classe gramatical da palavra. A Tabela 1 revela a influência de cada grupo de fatores na realização do processo sob análise.

Tabela 1-Resultados gerais para a pronúncia [õ] ~ [õw] em S. M. do Engano

GRUPO DE FATORES		APL/TOTAL	%	PR
Sexo	Masculino	360/1100	32,7	.58
	Feminino	202/856	23,6	.40
Faixa etária	Acima de 50	247/591	41,8	.65
	31-50	200/692	28,9	.51
	15-30	97/473	20,5	.41
	08-14	18/200	9,0	.25
Escolaridade	Até 5 anos	351/924	38	.63
	Mais de 5 anos	211/1032	20,4	.38
Extensão do vocábulo	Mais de uma sílaba	328/718	45,7	.68
	Monossílabo	234/1238	18,9	.39
Contexto seguinte	Pausa	305/947	32,2	.60
	Cons. posterior	42/146	28,8	.51
	Cons. nasal	32/102	31,4	.46
	Vogal	102/310	32,9	.45
	Cons. anterior	81/451	18,0	.34
Contexto recedente	Cons. posterior	38/74	51,4	.59
	Cons. anterior	262/647	40,5	.56
	Cons. nasal	245/1166	21,0	.48

	Ataque vazio	17/69	24,6	.25
Classe gramatical	Nome	217/538	40,3	-
	Verbo	18/102	17,6	-
	Advérbios e palavras funcionais	327/1316	24,8	-
TOTAL = 1956				

Input: - 0.243; Significância: 0.000

Em vista dos resultados gerais acima, procederemos às nossas análises, primeiramente quanto às variáveis linguísticas e, em seguida, às extralinguísticas.

Extensão do vocábulo

Com respeito à extensão do vocábulo, verificamos que as palavras com duas ou mais sílabas foram as que mais favoreceram a produção do ditongo <ão> com influência do vêneto (PR = .68), enquanto os monossílabos a desfavoreceram (PR = .39), uma diferença bastante relevante entre ambos. Com relação aos monossílabos, em nossos dados foi bastante significativa a ocorrência do vocábulo *não*, principalmente nas entrevistas com crianças, e, entre estas, sua pronúncia ocorreu quase sempre sem a influência do vêneto. Cremos que esse fato pode ser uma das razões do peso relativo baixo verificado para os monossílabos pronunciados com influência vêneta.

Outros exemplos encontrados no corpus foram: *são*, *pão*, *mão* e *chão*, mas em número muito menor que *não*. Neste ponto, é importante esclarecer que o vocábulo *não* seguido de verbo, quando pronunciado [nũ], não foi levado em consideração. Encontramos ainda o vocábulo *estão* em sua forma reduzida *tão* e, por isso, este foi classificado como monossílabo. Dentre os exemplos de palavras com mais de uma sílaba, temos: *educação*, *almeirão*, *feijão*, *caminhão*, *irmão*, *televisão*, *senão*, *então*, *depressão*, *injeção*, *avião*, *geração*, *tradição*, *perdão* etc.

Contexto fonológico seguinte

Como é possível observar pela Tabela 1, dos cinco contextos seguintes analisados, a pausa é o único que favorece a pronúncia do ditongo nasal com influência do vêneto (PR = .60), e a consoante anterior é a única que a desfavorece fortemente (PR = .34); três contextos - consoante posterior, consoante nasal e vogal - se encontram, respectivamente, próximos da neutralidade (PR = .51) ou revelam um leve desfavorecimento (PR = .46 e .45) da pronúncia com marcas vênetas.

Se pensarmos que a articulação do elemento posterior ao ditongo possibilita a alteração de sua pronúncia, a pausa permite que a realização do ditongo se dê mais livremente, podendo surgir a pronúncia com influência da língua de imigração. Com respeito ao desfavorecimento da pronúncia [õw] ou [õ] pelas consoantes anteriores, parece-nos que, sendo central a vogal nasal [ẽ] e posteriores a vogal nasal [õ] e a semivogal [w̃], que compõem o ditongo que estudamos, o segmento seguinte anterior poderá provocar mais facilmente uma alteração na articulação de <ão>. Entretanto, essa explicação não se aplica a todas as pesquisas sobre a realização de <ão>, como veremos adiante.

Os seguintes trechos de nossas entrevistas exemplificam a ocorrência do fenômeno¹¹:

Excerto 1

“Fazia com feij[õ], sopa de maca[rõ]...” (Fem., EF I, 58 anos);

“À noite? Deixa eu pensar... É televis[õ]. Coisa assim, né? Televis[õ].” (Fem., EF II, 25 anos).

“Um dia eu esperava ele sempre com o tiç[õ]. Assim, pra vim encontrar ele na estrada com o tiç[õ], né? Ai ele chegou em casa, ele chegava bêbado, chegava bravo, né?” (Masc., EF II, 44 anos).

“Ele teimou de subir na Eternit, sen[õ], ele num tava morto ainda n[õ].” (Fem., EF II, 61 anos)

Contexto fonológico precedente

Nossos resultados indicam que os contextos precedentes que favorecem a pronúncia do ditongo nasal com influência do vêneto são, em escala decrescente, as consoantes posterior e anterior. As consoantes nasais se mostram relativamente neutras, e o ataque vazio desfavorece fortemente o fenômeno, com PR = .25. Quanto a este último, a pronúncia do ditongo nasal com influência da língua de imigração teve 17 ocorrências, nas palavras: *João* (09 casos), *religião* (04 casos), *avião* (03 casos) e *Sebastião* (01 caso). Já a pronúncia sem a influência vêneta se deu nas seguintes palavras: *João* (26 casos), *região* (18 casos), *religião* (06 casos), *Sebastião* (01 caso) e *avião* (01 caso). Vemos, portanto, que as mesmas palavras foram pronunciadas ora com

¹¹Nos excertos, utilizamos a notação [õ] para representar tanto a pronúncia [õ] quanto [õw].

a influência vêneta, ora sem essa influência, até mesmo por uma mesma pessoa – um homem jovem, com até 05 anos de escolarização, que pronunciou [aviõ] duas vezes e [aviẽw] uma vez. Casos como este último exemplificam a variação na pronúncia do ditongo nasal existente entre os moradores e revelam o processo de mudança pelo qual está passando a comunidade

Exemplos retirados de nosso corpus são:

Excerto 2

“Antigamente parece que eles faziam assim mais por diversão. Juntava as pessoas e fazia. Igual o maca[rõ] feito em casa era também o pastel...” (Fem., EF II, 38 anos).

“Trabalhou talvez no café, plantar feij[õ], essas coisa assim, só... só essas coisa. (...) Olha era mais aquela minestra que se falava. Minestra, maca[rõ], feij[õ], tinha só essas coisa mais simples. (Masc., EF I, 55 anos).

“É, só feij[õ], arroz, essas coisas, só para o gasto. (...) eu estava falando com a velha, eu acho que ontem de noite, eu acho que foi, porque tinha um fog[õ], tinha a chapa com 8 buraco, 4 de cada lado.” (Masc., EF I, 78 anos)

Os resultados obtidos em nossa pesquisa e também os resultados de Tomiello (2005) e de Horbach (2013), para as variáveis linguísticas, evidenciam que estas não se mostram categoricamente (des)favorecedoras da pronúncia do ditongo com influência da língua de imigração.

Para a extensão do vocábulo, por exemplo, os monossílabos foram desfavorecedores da pronúncia [õ] ou [õw] em nosso estudo e no de Horbach (2013), com PR = .39 e .43, respectivamente, mas favorecedores no corpus de Tomiello (2005), com PR = .60. Quanto ao contexto fonológico seguinte, ele foi selecionado pelo Programa Goldvarb X em nosso estudo, mas não no de Tomiello (2005). Horbach (2013), por sua vez, não analisou essa variável. E, quanto ao contexto precedente, no estudo de Horbach (2013) ele não foi selecionado pelo programa Goldvarb X; no nosso e no de Tomiello (2005) o foi, mas, enquanto que há praticamente coincidência de peso relativo com respeito à consoante posterior (PR = .59 e .61, respectivamente), para a consoante anterior (PR = .56 e .48, respectivamente) e para a consoante nasal (PR = .48 e .57, respectivamente), os resultados foram o inverso. O ataque vazio desfavorece a

pronúncia [õ] ou [õw] nos dois estudos, mas os nossos resultados (PR = .25) diferem bastante dos de Tomiello (PR = .39).

Os dados obtidos nessas três pesquisas para as variáveis linguísticas levam-nos a pensar que a realização do ditongo nasal pode não estar relacionada especificamente ao número de sílabas da palavra nem aos contextos fonológicos, mas a outros fatores que podem também estar influenciando sua ocorrência. Pelo menos duas hipóteses podem ser aventadas: i) determinadas palavras, mais frequentemente utilizadas na comunidade, podem estar impulsionando a pronúncia como o faziam os antigos moradores, ou seja, a pronúncia da palavra foi *herdada* pelas gerações seguintes, como é o caso do termo *maca[rõ]*, que aparece no Excerto 2, pronunciado com tepe por dois informantes de duas faixas etárias distintas; ii) fatores de ordem social talvez estejam determinando a pronúncia do ditongo nasal com marcas vênetas, como veremos a seguir.

Variáveis extralinguísticas

Com relação às variáveis sociais, o programa Goldvarb X selecionou como significativas todas as analisadas por nós. Nas subseções seguintes, encontramos os resultados para cada uma delas, separadamente.

Sexo/gênero

Pela Tabela 1, observamos que a realização de <ãõ> com influência do vêneta é desfavorecida pelas mulheres (PR = .40), ao contrário dos homens (PR = .58), índices muito semelhantes aos encontrados por Tomiello (2005) e por Horbach (2013), citados anteriormente, para comunidades do Rio Grande do Sul.

Esses resultados estão de acordo com muitos estudos sociolinguísticos, realizados em diferentes comunidades do mundo, que atestam que as mulheres são mais sensíveis às variantes de prestígio, se comparadas com homens da mesma classe social e nas mesmas circunstâncias (CHAMBERS, 2009)¹². Nessa mesma direção aponta Labov (2001), quando afirma que, em se tratando de mudança linguística, quando esta ocorre

¹² Nas palavras de Chambers (2009, p. 115): “Em praticamente todos os estudos sociolinguísticos que incluem uma amostra de homens e mulheres, há evidências para esta conclusão sobre o seu comportamento linguístico: as mulheres usam menos variantes estigmatizadas e não padrão do que os homens do mesmo grupo social, nas mesmas circunstâncias”. [Tradução nossa]

com consciência social (*change from above*), as mulheres tomam a posição de líderes da mudança, desde que não se trate de variantes estigmatizadas. Dessa forma, vemos que esse padrão feminino atinge até mesmo as comunidades rurais dos países em vias de desenvolvimento, como o Brasil.

Escolaridade

Os resultados para a variável *escolaridade*, em Santa Maria do Engano, evidenciam que os informantes com até 05 anos de escolarização favorecem a pronúncia com influência vêneta (PR = .63), ao passo que aqueles que têm acima de 5 anos de estudo a desfavorecem (PR = .38). Esses resultados - relativamente semelhantes aos de Tomiello (2005) e de Horbach (2013) - comprovam outros estudos sociolinguísticos acerca da força da escola sobre as formas não padrão do português, conforme indica Votre (2003).

Sabemos que a pronúncia de palavras com influência de uma língua estrangeira é marcada, e não apenas no Espírito Santo. Provavelmente por isso a escola tente eliminar essa pronúncia de seus alunos. Em Santa Maria do Engano, a escola agiu deliberadamente contra a língua de imigração e suas marcas no português, como demonstra o excerto a seguir.

Excerto 3

“Olha, os próprios pais, na escola também os professores também pediam [que não falasse a língua estrangeira]. Teve escola também que pediam pros pais não ficar falando dialeto em casa, pros filhos, pros filhos ter uma língua mais esclarecida, porque às vezes as crianças chegavam na escola falando o dialeto e misturavam tudo, às vezes não saía nem o português nem o dialeto e aconteceu isso muito comigo, que eu custei a aprender a falar com dois "r" porque na língua italiana não se fala, então tudo o que eu ia falar eu falava "[r]osa, [r]io, te[r]ja, mo[r]o" porque eles falam assim, meus pais falavam assim e a convivência era toda, com os primos, com os tios. (Fem., EF I, 48 anos).

Frosi, Faggion e Dal Corno (2005) afirmam que são recorrentes, nos depoimentos de descendentes de imigrantes, as referências ao preconceito quanto ao seu *modo errado de falar*, recebendo adjetivos como *ignorante, grosso, atrasado, burro*.

De acordo com as autoras, ainda hoje existe a memória do estigma com referência à fala portadora de marcas italianas, e esse preconceito ficou claro em nossas entrevistas.

Com base no que afirmam os estudos sociolinguísticos a respeito da atuação da instituição escolar na linguagem dos falantes, cremos que, numa localidade como Santa Maria do Engano, a escola seja o principal meio de os moradores se depararem com o estigma com relação à sua linguagem, haja vista que poucos adultos e idosos saem da comunidade, quase nenhuma família tem internet e os trabalhos na roça não permitem que se assista a muitos programas de TV. Dessa forma, cremos que vêm da escola as principais pressões para o abandono das marcas vênetas na fala dos moradores e, portanto, para a adoção das formas *legítimas* da língua, o que justifica os nossos resultados para a variável *escolaridade*.

Faixa etária

Outra variável selecionada pelo programa Goldvarb X foi a *faixa etária*. Nossos resultados indicam claramente a mudança em progresso com respeito à pronúncia do ditongo nasal com influência vêneta, em Santa Maria do Engano: os mais idosos favorecem essa pronúncia (PR = .65); para os adultos, o peso relativo é neutro (PR = .51); os jovens a desfavorecem levemente (PR = .41); e as crianças a desfavorecem fortemente (PR .25). A mesma tendência é observada nos trabalhos de Tomiello (2005) e Horbach (2013), em comunidades bilíngues do Rio Grande do Sul.

Nos estudos sociolinguísticos, dentre as causas apontadas como favorecedoras da mudança linguística em progresso, além da atuação do maior grau de escolarização dos sujeitos, está o mercado de trabalho, com relação principalmente aos adolescentes e jovens. Com relação à escolaridade, vimos que a escola atuou e atua para a padronização da língua portuguesa na comunidade. Quanto ao mercado de trabalho, observamos, pelas entrevistas e por nosso conhecimento da comunidade, que a maioria dos jovens conclui o ensino médio e continua ajudando o pai na lavoura. No entanto, há, em número reduzido, aqueles que pretendem sair do lugar e trabalhar na cidade, como exemplificam os seguintes depoimentos:

Excerto 4

“Eu gosto [de Santa Maria do Engano], mas eu pretendo ir pra cidade. (...) Meu irmão

trabalha na Fiat [em Guarapari] com uns computadores. Pretendo ir também.” (Masc., EF II, 15 anos).

“E apesar de eu ter esse vínculo aqui com a minha casa, com a minha família, é bem provável, eu tenho essa ideia de morar fora para poder estudar, independente da profissão que eu exercer.” (Fem., EF II, 17 anos).

De acordo com Chambers (2009), a pressão do mercado influencia a linguagem das pessoas que aspiram ascender profissionalmente, de modo que elas tentam mudar sua forma de falar em direção à linguagem do grupo ao qual quer pertencer. No caso dos dois jovens do excerto acima, essa hipótese também parece aplicar-se, pois observamos, durante suas entrevistas, que nenhum deles pronunciou o ditongo nasal com influência do vêneto.

Ainda quanto aos mais jovens de Santa Maria do Engano, além frequentarem os mesmos lugares dos mais velhos, aumentam o seu leque de contatos pelo fato de não haver escola na comunidade. Assim, eles devem estudar em outros lugares, tendo colegas que falam sem quaisquer marcas de uma língua de imigração. Os excertos a seguir confirmam o que dizemos.

Excerto 5

“Ela [a filha] fica em casa até as 10 horas, faz comida, passa roupa, limpa casa. Aí eu venho pra casa, o almoço tá pronto, né? Depois almoço e vou de novo pra roça. Ela tá fazendo o 2º ano do ensino médio em São João, que ela tá estudando.” (Fem., EF II, 30 anos).

“Eu estudei até um tempo atrás em Matilde. Aí então antes eu trabalhava aqui de dia, né? O dia todo, porque depois de noite eu estudava. Só que agora vou pra escola de dia em São João.” (Masc., EF II, 15 anos).

Portanto, são as crianças que mantêm um maior contato com o mundo exterior, e esse fato atua para que a mudança linguística se dê rapidamente.

Considerações finais

No século XIX chegaram ao Espírito Santo milhares de imigrantes de diversas etnias, os quais marcaram a história deste estado. Desse total, a maioria era de italianos, que trouxeram na bagagem suas tradições culturais, passadas de geração em geração.

Em Santa Maria do Engano, podemos encontrar uma amostra das consequências desse contato cultural ítalo-brasileiro. Além de algumas construções em ruínas, a religiosidade, a forma de trabalho em família e os costumes convivem com os traços fonético-fonológicos da língua ancestral – o vêneta – presentes na fala dos moradores. Dentre eles, as variantes [õ] ~ [õw] do ditongo nasal tônico <ão>, estudado por nós.

Com respeito à realização variável desse ditongo, nossos resultados apresentam uma frequência total de 28,7% de pronúncia com influência vêneta. Essa variação é condicionada tanto por fatores internos quanto externos; contudo, os aspectos externos se sobressaem. Das variáveis investigadas, os resultados referentes à *faixa etária* foram decisivos para demonstrar o processo de mudança em progresso, com o iminente desaparecimento de um traço marcante da linguagem da comunidade.

Em relação à variável *sexo/gênero*, os nossos resultados revelam que os homens tendem mais a fazer uso de <ão> com influência vêneta, confirmando que as mulheres preferem usar as variantes prestigiadas socialmente. Quanto à variável *escolaridade*, confirmamos que a influência vêneta se faz presente na fala dos menos escolarizados. Em nosso caso, trata-se de uma variante estigmatizada pela escola, que chega a ser sistematicamente corrigida. Esses resultados, coincidentes com os obtidos por Tomiello (2005) e Horbach (2013), evidenciam a relevância das pressões sociais em favor da língua majoritária.

Com respeito às variáveis linguísticas analisadas em nossa pesquisa, a *extensão do vocábulo*, o *contexto precedente* e o *contexto seguinte* exercem influência sobre o fenômeno, em Santa Maria do Engano, mas esses resultados nem sempre se confirmam em comunidades bilíngues do Rio Grande do Sul, com as quais comparamos os dados de Santa Maria do Engano. Pesquisas em outras localidades seriam bem-vindas, para atestarmos a importância dessas variáveis para o fenômeno estudado.

Por fim, esperamos que esta pesquisa contribua para os estudos sobre o contato linguístico, principalmente no Espírito Santo, estado com ampla diversidade cultural e linguística. Acreditamos que, ao descrevermos essa diversidade e analisarmos a influência da língua ancestral no português, estaremos mostrando às gerações mais jovens que sua linguagem *diferente* tem razão de ser e que ela e todas as variedades de uma língua, indistintamente, merecem o nosso respeito.

Referências

- ALMEIDA, M. S.; ARAÚJO, G. A. Aspectos do ditongo nasal /ãõ/ no falar cuiabano. *Signótica*, Goiânia, 2010. v. 22, p. 409-425.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e fonologia*. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Rev. Ed. West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2009.
- COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Ver. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DERENZI, L. S. *Os italianos no Estado do Espírito Santo*. Vitória: Artenova, 1974.
- FARIA, E. *Fonética histórica do latim*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.
- FROSI, V.; MIORANZA, C. *Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.
- _____; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O.M. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. *Métis: história & cultura*. Caxias do Sul: EDUCS, v. 4, n. 8 (jul./dez.), 2005.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa; instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HORBACH, A. G. *A variação do ditongo nasal ão nas comunidades bilíngues de Panambi e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul*. 118f. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. *Principles of linguistic change; social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- MARGOTTI, F.W. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. 332f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MEDEIROS, B. R. de. Vogais nasais do Português Brasileiro: reflexões preliminares de uma revisita. *Revista de Letras*. Ed. UFPR, Curitiba, nº72, Maio/Ago. 2007.

_____. Nasal coda and vowel nasality in Brazilian Portuguese. *Selected Proceedings of the 5th Conference on Laboratory Approaches to Romance Phonology*. Ed. Scott M. Alvord. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2011.

MEDEIROS, B. R. de; DEMOLIN, D. Vogais nasais do Português Brasileiro: um estudo do IRM. *Revista da ABRALIN*. Vol.5, nº 1 e 2, dez. 2006.

MEIRELES, A. R.; GOLDSTEIN, L.; BLAYLOCK, R.; NARAYANAN, S. Gestural coordination of Brazilian Portuguese nasal vowels in CV syllables: a real-time MRI study. In: *18th International Congress of Phonetic Sciences*. Glasgow: University of Glasgow, 2015. v.1. p. 1-4.

MORAES, J.; WETZELS, L. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. In: ABAURRE, M. B.; WETZELS, W. L. (org.). *Caderno de Estudos Linguísticos*, 23. Campinas: Unicamp, 1992.

PEREIRA, E. C. *Grammatica histórica*. Disponível em: http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/gramaticaindex.php?fg=arquivos/Eduardo_Pereira_gramatica_historica/061-080.pdf&mn=gramatica&menu.php. Acesso em 23 dez. 2015.

PERES, E. P. Aspectos sócio-históricos do contato entre o dialeto vêneto e o português no Espírito Santo. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v.8, n. 10.1, p. 53-71, 2014.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M.C; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística; o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 147-178.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA NETO, S. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

SILVA, R. V. M. *O português arcaico: fonologia*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

TOLEDO, E. E.; MONARETTO, V. N. O. A redução de ditongos orais decrescentes no português brasileiro do Sul do Brasil: descrição e generalização. In: *Anais do IX Encontro do CELSUL*. Palhoça, SC, out. 2010. Universidade do Sul de Santa Catarina. p. 1-15. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/os-encontros/2010-palhoca-sc/>. Acesso em: 23 jul. 2016.

TOMIELLO, M. *A variação do ditongo nasal tônico -ão como prática social no português de São Marcos/RS*. 109f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura

Regional), Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.

VOTRE, S. A relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M.C; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística; o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. p. 51-59.

WETZEL, L. Comentários sobre a estrutura fonológica dos ditongos nasais do Brasil. *Revista de Letras*, nº 22, vol. 1/2 – jan/dez. 2000, p. 25-30.

Artigo recebido em: 17/04/2017.

Artigo aceito em: 13/07/2017.

Artigo publicado em: 20/07/2017.